

A resolução das questões discursivas desta seção deve ser feita no caderno.

1. Considere as proposições abaixo:

- I. A literatura deve se preocupar em registrar as angústias humanas diante do caos e das incertezas da guerra.
- II. A volta à tradição serve de ponto de partida para a criação de uma literatura mais formal.
- III. O rompimento com a tradição literária é o marco inicial da uma literatura efetivamente moderna.

Dessas afirmações, qual melhor se aplica à terceira geração do Modernismo brasileiro? Justifique sua resposta.

2. (UNIFESP) Leia o texto.

Quando chega o dia da casa cair – que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível, – o dono pode estar: de dentro, ou de fora. É melhor de fora. E é a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer. Mesmo estando de dentro, mais vale todo vestido e perto da porta da rua. Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama – o pior lugar que há para se receber uma surpresa má.

E o camarada Quim sabia disso, tanto que foi se encostando de medo que ele entrou. Tinha poeira até na boca. Tossiu.

— Levanta e veste a roupa, meu patrão Nhô Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, pr'a lhe contar.

E tremeu mais, porque Nhô Augusto se erguia de um pulo e num átimo se vestia. Só depois de meter na cintura o revólver, foi que interpelou, dente em dente:

— Fala tudo!

Quim Recadeiro gaguejou suas palavras poucas, e ainda pôde acrescentar:

— ... Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só pr'a o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...

— Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!

Dali a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto...

O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito: — Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... P'ra ele pagar o que está nos devendo... E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa de outro, que seu major disse que não quer.

— Cachorrada!... Só de pique... Onde é que eles estão?

— Indo de mudados, p'ra a chácara do Major...

— Major de borra! Só de pique, porque era inimigo do meu pai!... Vou lá!

(João Guimarães Rosa. A hora e vez de Augusto Matraga.)

- a) No sertão de Guimarães Rosa, frequentemente faz-se referência a aspectos de um código de ética, de caráter tradicional, que rege a vida das personagens. Transcreva as duas falas do diálogo em que se menciona uma situação em que esse código não é quebrado.
 - b) Indique duas palavras ou expressões presentes nos diálogos entre as personagens que não correspondem à norma-padrão da língua. Compare o modo como o autor emprega a língua nos diálogos e no discurso do narrador, explicando as diferenças entre os dois usos.
3. (UNICAMP – SP) Conversa de Bois, de Guimarães Rosa, narra acontecimentos de uma viagem no carro de bois, em que estão o carreador Agenor Soronho, Tiãozinho e o corpo de seu pai morto. O trecho a seguir reproduz um dos diálogos entre os bois:

— Que é que está fazendo o carro?

— O carro vem andando, sempre atrás de nós.

— Onde está o homem-do-pau-comprido?

— O homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta está trepado no chifre do carro...

— E o bezerro-de-homem-que-caminha-sempre-na-frente-dos-bois?

— O bezerro-de-homem-que-caminha-adiante vai caminhando devagar... Ele está babando água dos olhos...

(Conversa de Bois, em João Guimarães Rosa, Sagarana. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 317.)

- a) Explique o sentido das expressões "bezerro-de-homem" e "babando água dos olhos". Relacione-as com o enredo.
- b) Explique a expressão "homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta". Que característica do carreador Agenor Soronho ela busca evidenciar?
4. (FUVEST – SP) Leia o trecho do conto *Minha gente*, de Guimarães Rosa, e responda ao que se pede.

"Oh, tristeza! Da gameleira ou do ingazeiro, desce um canto, de repente, triste, triste, que faz dó. É um sabiá. Tem quatro notas, sempre no mesmo, porque só ao fim da página é que ele dobra o pio. Quatro notas, em menor, a segunda e a última molhadas. Romântico.

Bento Porfírio se inquieta:

– Eu não gosto desse passarinho!... não gosto de violão... De nada que põe saudades na gente.

J. Guimarães Rosa. *Minha gente*. Sagarana.

- a) No trecho, a menção ao sabiá e a seu canto, enfaticamente associados a "Romântico" e a "saudades", indica que o texto de Guimarães Rosa pode remeter a um poema, dos mais conhecidos da literatura brasileira, escrito em um período em que se afirmava o nacionalismo literário. Identifique o poema a que remete o texto de Rosa e aponte o nome de seu autor.
- b) Considerando o trecho no contexto de *Sagarana*, a provável referência, nele presente, a um autor brasileiro indica que Guimarães Rosa é um escritor nacionalista, que rejeita o contato com línguas e culturas estrangeiras? Justifique sucintamente sua resposta.

5. (UERJ)

TEXTO I

Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, ⁶longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhe-

cidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num ¹covoão em trecho de matas, terra preta, pé de serra.

Miguilim tinha oito anos. Quando completara sete, havia saído dali, pela primeira vez: o Tio Terêz levou-o a cavalo, à frente da sela, para ser crismado no Sucuriçu, por onde o bispo passava. Da viagem, que durou dias, ele guardara aturdidas lembranças, embaraçadas em sua cabecinha. De uma, nunca pôde se esquecer: alguém, que já estivera no Mutum, tinha dito: — "É um lugar bonito, entre ⁷morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre..."

Mas sua mãe, que era linda e com cabelos pretos e compridos, se doía de tristeza de ter de viver ali.

Queixava-se, principalmente nos demorados meses chuvosos, quando carregava o tempo, tudo tão sozinho, tão escuro, o ar ali era mais escuro; ou, mesmo na estiagem, qualquer dia, de tardinha, na hora do sol entrar. — "Oê, ah, o triste recanto..." – ela exclamava. Mesmo assim, enquanto esteve fora, só com o Tio Terêz, Miguilim padeceu tanta saudade, de todos e de tudo, que às vezes nem conseguia chorar, e ficava sufocado. E foi descobrir, por si, que, umedecendo as ventas com um tico de cuspe, aquela aflição um pouco aliviava. Daí, pedia ao Tio Terêz que molhasse para ele o lenço; ⁴e Tio Terêz, quando davam com um riacho, um ²minadouro ou um poço de grotta, sem se apelar do cavalo abaixava o copo de chifre, na ponta de uma correntinha, e subia um punhado d'água. Mas quase sempre eram secos os caminhos, nas chapadas, então Tio Terêz tinha uma cabacinha que vinha cheia, essa dava para quatro sedes; uma cabacinha entrelaçada com cipós, que era tão formosa. — "É para beber, Miguilim..." – Tio Terêz dizia, caçoando. Mas Miguilim ria também e preferia não beber a sua parte, deixava-a para empapar o lenço e refrescar o nariz, na hora do arrocho. Gostava do Tio Terêz, irmão de seu pai.

⁵Quando voltou para casa, seu maior pensamento era que tinha a boa notícia para dar

à mãe: o que o homem tinha falado – que o Mutum era lugar bonito... A mãe, quando ouviu essa certeza, havia de se alegrar, ficava consolada. Era um presente; e a ideia de poder trazê-lo desse jeito de cor, como uma salvação, deixava-o febril até nas pernas. ³Tão grave, grande, que nem o quis dizer à mãe na presença dos outros, mas insofria por ter de esperar; e, assim que pôde estar com ela só, abraçou-se a seu pescoço e contou-lhe, estremeado, aquela revelação.

GUIMARÃES ROSA

Manuelzão e Miguilim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Vocabulário:

ref. 1: covoão – baixada estreita e profunda

ref. 2: minadouro – olho-d'água, quase sempre nascente de um córrego ou de um ribeirão

"e Tio Terêz, quando davam com um riacho, um minadouro ou um poço de grotta, sem se apelar do cavalo abaixava o copo de chifre, na ponta de uma correntinha, e subia um punhado d'água. Mas quase sempre eram secos os caminhos, nas chapadas, então Tio Terêz tinha uma cabacinha que vinha cheia, essa dava para quatro sedes; uma cabacinha entrelaçada com cipós, que era tão formosa." (ref. 4)

"Quando voltou para casa, seu maior pensamento era que tinha a boa notícia para dar à mãe: o que o homem tinha falado – que o Mutum era lugar bonito..." (ref. 5)

Identifique o foco narrativo do texto de Guimarães Rosa. Em seguida, indique três recursos linguísticos empregados pelo narrador, nos fragmentos acima, para aproximar-se do universo infantil.

6. (UFC – CE)

Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumoreja-

vam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.

Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremeia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

(LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973, p. 24-25)

Marque a alternativa em que todas as características indicadas estão presentes no texto acima.

- a) Cortes discursivos, digressões, comicidade.
- b) Psicologismo, imagens paradoxais, cientificismo.
- c) Construções comparativas, recursos gráficos, rejeição do lirismo.
- x d) Introspecção, relevância da sensibilidade, quebra da linearidade.
- e) Coloquialismo, reações inesperadas, imitação de autores realistas.

7. (UFU – MG) Leia os textos a seguir.

TEXTO A

Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. No espelho distraidamente examinou de perto as manchas no rosto. Em Alagoas chamavam-se “panos”, diziam que vinham do fígado. Disfarçava os panos com grossa camada de pó branco e se ficava meio caiada era melhor que o pardacento. Ela toda era um pouco encardida pois raramente se lavava. De dia usava saia e blusa, de noite dormia de combinação. Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era murrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofendê-la. Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio. [...] Só eu a amo.

Clance Lispector. “A hora da estrela”.

TEXTO B

Uma nordestina
Ela é uma pessoa
no mundo nascida.
Como toda pessoa
é dona da vida.

Não importa a roupa
de que está vestida.
Não importa a alma
aberta em ferida.
Ela é uma pessoa
e nada a fará
desistir da vida.
Nem o sol de inferno
a terra ressequida
a falta de amor
a falta de comida.
É mulher é mãe:
rainha da vida.

De pés na poeira
de trapos vestida
é uma rainha
e parece mendiga:
a pedir esmolas
a fome a obriga.

Algo está errado
nesta nossa vida:
ela é uma rainha
e não há quem diga.

Ferreira Gullar. “Melhores poemas”.

- Cite dois elementos constitutivos do poema que contribuem para acentuar o seu caráter de apelo “popular”.
- Compare os textos e discorra sobre a descrição da nordestina, considerando:
 - as perspectivas diferentes do narrador e sujeito lírico.
 - os aspectos convergentes das opiniões do narrador e sujeito lírico.

Texto para as questões 8 e 9.

A sensível

Foi então que ela atravessou uma crise que nada parecia ter a ver com sua vida: uma crise de profunda piedade. A cabeça tão limitada, tão bem penteada, mal podia suportar perdoar tanto. Não podia olhar o rosto de um tenor enquanto este cantava alegre – virava para o lado o rosto magoado, insuportável, por piedade, não suportando a glória do cantor. Na rua de repente comprimia o peito com as mãos enluvadas – assaltada de perdão. Sofria sem recompensa, sem mesmo a simpatia por si própria. Essa mesma senhora, que sofreu de sensibilidade como de doença, escolheu um domingo em que o marido viajava para procurar a bordadeira. Era mais um passeio que uma necessidade. Isso ela sempre soubera: passear. Como se ainda fosse a menina que passeia na calçada. Sobretudo passeava muito quando “sentia” que o marido a enganava. Assim foi procurar

a bordadeira, no domingo de manhã. Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas e de crianças nuas – aonde fora se meter! A bordadeira, na casa cheia de filhos com cara de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira recusou-se a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! Saiu afrontada e perplexa. “Sentia-se” tão suja pelo calor da manhã, e um de seus prazeres era pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa. Em casa almoçou sozinha, deitou-se no quarto meio escurecido, cheia de sentimentos maduros e sem amargura. Oh pelo menos uma vez não “sentia” nada. Senão talvez a perplexidade diante da liberdade da bordadeira pobre. Senão talvez um sentimento de espera. A liberdade.

(Clarice Lispector. Os melhores contos de Clarice Lispector, 1996.)

8. (UNIFESP) O emprego do adjetivo “sensível” como substantivo, no título do texto, revela a intenção de
- a) ironizar a ideia de sentimento, então destituído de subjetividades e ambiguidades na expressão da senhora.
 - x b) priorizar os aspectos relacionados aos sentimentos, como conteúdo temático do conto e expressão do que vive a senhora.
 - c) explorar a ideia de liberdade em uma narrativa em que o efeito de objetividade limita a expressão dos sentimentos da senhora.
 - d) traduzir a expressão comedida da senhora ante a vida e os sentimentos mais intensos, como na relação com a bordadeira.
 - e) dar relevância aos aspectos subjetivos das relações humanas, pondo em sintonia os pontos de vista da senhora e da bordadeira.
9. Marque V para as afirmativas verdadeiras e F para as falsas, de acordo com o texto.
- (V) A recusa da bordadeira em bordar a toalha, simplesmente porque “não gostava de fazer ponto de cruz” é um dos fatores que demonstram a liberdade dessa personagem.
 - (F) Para aliviar a crise que estava atravessando, a personagem do texto fazia aquilo de que mais gostava: passear.

- (V) A personagem demonstra um certo incômodo por sentir piedade e também por ser sensível.
- (F) A personagem gostava de se sentir limpa, por isso ficou perplexa com a sujeira da casa da bordadeira.

10. (FUVEST – SP) Leia este trecho de “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, no qual Macabéa, depois de receber o aviso de que seria despedida do emprego, olha-se ao espelho:

Depois de receber o aviso foi ao banheiro para ficar sozinha porque estava toda atordoada. Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem.

- a) Neste trecho, o fato de parecer, a Macabéa, não se ver refletida no espelho liga-se imediatamente ao aviso de que seria despedida. Projetando essa ausência de reflexo no contexto mais geral da obra, como você a interpreta?
 - b) Também no contexto da obra, explique por que o narrador diz que Macabéa pensou “levemente”.
11. (UEM – PR) Assinale o que for correto sobre o poema a seguir e sobre seu autor, João Cabral de Melo Neto.

Autocrítica

Só duas coisas conseguiram
(des)feri-lo até a poesia:
o Pernambuco de onde veio
e o aonde foi, a Andaluzia.
Um, o vacinou do falar rico
e deu-lhe a outra, fêmea e viva,
desafio demente: em verso
dar a ver Sertão e Sevilha.

- x (01) O poema “Autocrítica”, por meio de seu próprio título, aponta para algumas das principais características da poética de João Cabral de Melo Neto: o rigor, a reflexão e a autoconsciência do fazer literário por parte do poeta.

(02) A presença das duas referências geográficas no poema (o sertão pernambucano e a região da Andaluzia, na Espanha) marcam dois aspectos importantes da primeira geração modernista, da qual João Cabral de Melo Neto foi um dos expoentes: a abordagem crítica de elementos da realidade nacional brasileira e a deglutição antropofágica do elemento estrangeiro.

(04) A referência ao sertão, embora importante no poema reproduzido, não encontra, contudo, espaço significativo na obra de João Cabral de Melo Neto como um todo. O ambiente urbano é o elemento de comparação e inspiração de sua produção lírica pautada pela postura do "poeta engenheiro".

x (08) O rigor e a severidade em termos formais conduzem a lírica cabralina a construções sóbrias, evitando ao máximo arroubos de emoção gratuitos. No poema "Autocrítica", mesmo a lembrança de lugares importantes para o poeta é traduzida por meio de versos que atrelam sua significação ao pensamento metaliterário.

x (16) A consciência arquitetural e a noção da poesia como composição, elementos que levaram a produção cabralina a um patamar destacado em termos de articulação de forma e conteúdo, influenciaram poetas posteriores, fazendo de João Cabral de Melo Neto um dos precursores do concretismo no Brasil. 25 (01 + 08 + 16).

12. (PUC-Rio – RJ)

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).

No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

MELO NETO, João Cabral de. Poesias completas. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975, p. 11.

João Cabral de Melo Neto é considerado um dos mais importantes poetas da geração de escritores que surgiu a partir de 1945. Indique duas características do modernismo brasileiro presentes no poema "A educação pela pedra".

13. (UFJF – MG)

A gente nas calçadas:

– Se já está morto. Se não dorme.
Sua cela é escura como um poço.
– Pintada de negro, de alcatrão:
está cego e surdo como morto.
– Não está morto. Terá sonhos.
Não há alcatrão dentro do corpo.
– Na cela de negro alcatrão
há a luz dos ossos em depósito.
– Veio do século das luzes,
para uma luz de branco de osso.

(João Cabral de Melo Neto - O auto do frade)

Eu sou, gentil Marília, eu sou cativo;
Porém não me venceu a mão armada
De ferro, e de furor:
Uma alma sobre todas elevada
Não cede a outra força, que não seja
A tenra mão do Amor.
Arrastem pois os outros muito embora
Cadeias nas bigornas trabalhadas
Com pesados martelos:
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
Com duros ferros não, com fios dourado,
Que são os teus cabelos.

(Tomás Antônio Gonzaga - Lira IX)

Ambos os textos falam de liberdade e prisão. Comente o tratamento dado ao tema pelos dois autores.